



Como contar as histórias do Antropoceno? Ou, em busca de uma antropologia da vida.¹

Ana Clara Ribeiro Prado.²

Resumo

O Antropoceno não é de todo, uma novidade tanto para a antropologia quanto para outras áreas do conhecimento como a geologia ou a sociologia, mas arrisco dizer que o assunto ganhou maior notoriedade a partir do momento presente: a pandemia do novo coronavírus. Há tempos vivemos no que parece ser uma tragédia anunciada, pois, o modo de vida capitalista tem consumido o mundo e tudo que nele cresce, floresce e brilha. A antropologia, por sua vez, tem tomado mais para si a existência da necessidade de se pensar em uma antropologia da vida como forma de construir reflexões e agir diante da catástrofe. Esse texto é a tentativa de contar algumas histórias que têm como cenário o Antropoceno e a partir de então, tentar pensar em como orientar uma antropologia da vida em meio ao Antropoceno?

Palavras-chave: Antropoceno, Antropologia da vida, catástrofe, perspectivas, capitalismo

Escolhendo caminhos - Apresentação

Estão comendo o mundo, pelas beiradas
Roendo tudo, quase não sobra nada
Respirei fundo, achando que ainda começava
Um grito no escuro, um encontro sem hora
marcada.

- Um Sonho (Nação Zumbi)

O Antropoceno não é de todo, uma novidade tanto para a antropologia quanto para outras áreas do conhecimento como a geologia ou a sociologia, mas arrisco dizer que o

¹ A primeira versão desse texto foi resultado da disciplina Antropologia da Vida diante da catástrofe, cursada no primeiro semestre de 2021, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Os textos utilizados fazem parte da bibliografia da disciplina.

² Graduada em Ciências Sociais com habilitação em Políticas Públicas pela Universidade Federal de Goiás e mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás.

assunto obteve maior notoriedade a partir do momento presente: a pandemia do novo coronavírus. Há tempos vivemos no que parece ser uma tragédia anunciada, pois, o modo de vida capitalista tem consumido o mundo e tudo que nele cresce, floresce e brilha. A antropologia, por sua vez, tem tomado mais para si a existência da necessidade de se pensar em uma antropologia da vida como forma de construir reflexões e agir diante da catástrofe. Esse texto é a tentativa de contar algumas histórias que têm como cenário o Antropoceno e a partir de então, tentar pensar em como orientar uma antropologia da vida em meio ao Antropoceno?

Adianto que o caminho é repleto de plantas, seres infinitesimais, mas também de vulcões, montanhas, lagos, sobre a “teima” em resistir e caminhar por caminhos outros como estratégia para sobreviver, viver, fazer parentes diante do que se anuncia enquanto um período pouco propício para continuar existindo assim como retoma a transição para o capitalismo através da caça às bruxas. As histórias contadas ao longo desse trabalho nos sinalizam os caminhos escolhidos para serem seguidos em busca de uma antropologia da vida tendo como contexto o Antropoceno.

Claro que cada história dessas suscita outras muitas histórias de lugares distantes com seres quase invisíveis ou com assombrações, o importante é ouvir o modo como essas histórias são narradas e compreender o emaranhado multiespécies no qual nós estamos envolvidos. É também para se pensar na relação do Antropoceno que por vezes é anunciado enquanto um fim cada vez mais próximo, com as perspectivas de vida que vão além da vida humana e compreender que apesar de ser assustador viver em um mundo tão danificado, outras espécies que também estão envolvidas nesse emaranhado conseguem se adaptar e de alguma maneira, proporcionar uma habitabilidade no meio do caos.

Torna-se preciso dizer que, em decorrência da pandemia do novo coronavírus que impediu mesmo que temporariamente, uma vida em conjunto e com isso a impossibilidade de realizar um trabalho de campo, fiz dos textos o meu campo de pesquisa (um exercício de uma antropologia da antropologia por assim dizer) e assim como fazemos em campo precisei delimitar a quantidade de vozes que dialogariam comigo ao longo dessas páginas. Para isso separei o texto em três partes onde pretendo apresentar, partindo de múltiplas perspectivas, alguns trabalhos que narram de onde parte esse iminente fim e para isso a perspectiva de autores indígenas se faz presente de maneira

muito importante, evidenciando os avisos e a preocupação com uma crise que nos afetaria radicalmente nós que vivemos em um modo de vida capitalista.

A segunda parte, muito motivada pelas discussões mais recentes da antropologia entorno de outras vozes não-humanas, mas que também possuem sociabilidades, estabeleci uma relação entre mulheres e plantas para refletir sobre existências, cuidado e reprodução em um planeta danificado. Começo também a refletir, juntamente com outras vozes, a necessidade da ruptura entre a dicotomia natureza e cultura para enfim podermos começar a pensar em uma antropologia da vida.

Por fim e não menos importante, a ideia de estarmos convivendo com os fantasmas que assombram os escombros desse lugar que insistimos em viver ao mesmo tempo em que continuamos a destruí-lo direta ou indiretamente, prolongando a espiral de ausências que nos são cada mais familiares.

Todo grande devir carrega em si uma série de consequências e fins para os quais talvez, não estejamos prontos, mas que diante do que se desenha frente aos nossos olhos e ameaça desabar sob nossas cabeças, percebe-se como praticamente inevitável. Mas ao contrário do que possa parecer, falar sobre o que pode vir a ser e o que já está acontecendo, também se mostra enquanto uma das estratégias possíveis para que se possa adiar o fim. É necessário, sobretudo, muita criatividade para viver em um planeta danificado, assim como torna-se cada vez mais necessário, se unir a espécies companheiras e aprender outras formas de estar no mundo.

Algumas perspectivas sobre o fim

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. [...] Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. (5)
A queda do céu - Davi Kopenawa

Uma tarefa assustadora tem por diante cientistas e engenheiros, de orientarem a sociedade para uma gestão ambiental sustentável durante a era do Antropoceno. Isto exigirá um comportamento humano adequado a todas as escalas, e pode muito bem envolver projetos de geoengenharia de grande escala, internacionalmente aceites, por exemplo, para “otimizar” o clima. Nesta fase, no entanto, ainda estamos em grande medida a pisar em terra incógnita. (118)
Geologia da Humanidade – Paul Crutzen

Não foi surpresa quando o termo Antropoceno me foi apresentado através de uma bibliografia não só antropológica, enquanto a sugestão para nomear a era geológica em que estamos vivendo e que a sua existência é atrelada ao anúncio de um fim de mundo cada vez mais real. Apesar de ser esperado que em algum momento as ações antropogênicas pautadas em um modo de vida capitalista acarretariam em consequências que impactariam de maneira contundente todo o planeta, ao materializar esse acontecimento com a nomeação de uma era geológica nos dá uma outra dimensão da magnitude de tal acontecimento. Um tempo onde o centro é o homem e que em seu entorno, orbita o capital, a acumulação, o desenvolvimento, a falta de tempo e um iminente fim de mundo. Parece um anúncio de um fim inevitável e talvez até seja, basta saber a quem ele está destinado.

Em minhas aproximações acadêmicas com estudos sobre populações indígenas e em especial, os processos de demarcação de terra, a preocupação com a questão ambiental e com o que convencionamos a chamar de natureza, sempre esteve presente quase que de maneira indissociável com o direito e a luta pela terra. Assim como a ameaça e as vezes a concretização, do genocídio indígena construção de usinas, instalação de garimpos ilegais, o desmatamento em prol do agronegócio. A narrativa de um fim sempre permeou a temática indígena, foi por isso que o Antropoceno se tornou mais familiar, mesmo que tenha me dado conta de que a primeira vez que li a palavra Antropoceno, com todas as letras, foi com o Ailton Krenak em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) e ele dizia assim

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluimos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver — pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres. (23)

Em 2019, quando ainda nem sonhávamos com a ideia de uma pandemia, o lançamento desse livro que carrega esse título poderoso e inquietante, causou um grande reboliço, no melhor sentido que essa palavra possa ter, entre todo tipo de gente estando elas dentro ou fora da comunidade acadêmica. Ao lermos as primeiras páginas, percebemos a dimensão do efeito contido no anúncio da possibilidade de ideias que adiassem o fim do que nos é conhecido como Terra e em consequência, nossa existência. Poucos meses depois tê-lo lido, estive como Ailton em um evento organizado pelo Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, em um auditório abarrotado de pessoas atentas e ansiosas para ouvi-lo falar sobre o livro, mas também para a partilha das inquietações e as provocações entorno do nosso modo de vida capitalista, focado na materialidade, no consumo e produção de bens.

Em coro com as palavras de Ailton Krenak e lançado poucos antes, *A queda do céu* (2015) de Davi Kopenawa e Bruce Albert já tecia críticas profundas ao modo como nós brancos, devoramos o chão debaixo de nossos pés por conta do ouro que não é nosso, para produzir e comprar coisas, sobre a nossa “paixão pela mercadoria” (2015: 406), em como nos enganamos e nos deixamos enganar em prol da obtenção e do acúmulo delas

Os brancos são outra gente. Eles acumulam muitas mercadorias e sempre as guardam junto de si, enfileiradas em tábuas de madeira no fundo de suas casas. Deixam que envelheçam por bastante tempo antes de minguar algumas a contragosto. Quando as pedimos, ficam desconversando e fazendo promessas para não ter de entregá-las. Ou então exigem que antes trabalhem para eles por um bom tempo. De todo modo, no final, eles não nos dão nada ou então só coisas já gastas, exigindo ainda mais trabalho em retribuição! Comportam-se como um mau sogro que engana seu futuro genro fazendo-o trabalhar sem nunca lhe dar a filha. Promete-a quando ainda é criança, e depois, quando ela fica moça, começa a achar desculpas para adiar a hora de mandá-la ir amarrar sua rede perto do genro ou, pior, acaba por dá-la a outro homem! (2015: 412)

O que Davi Kopenawa e Ailton Krenak nos trazem através desses breves e recentes exemplos, são preocupações antigas, mas que talvez tenham chegado até nós em boa hora. Provavelmente, ler tamanha lucidez enquanto se está diante do limite servisse para compreender o alerta constante para as possíveis consequências disso sempre esteve em evidência ao longo dos anos em todos os discursos, manifestos de povos originários. Por isso que quando comecei esse exercício de trás para frente, o Antropoceno me pareceu novidade, mas deixou de ser pois, todas as preocupações de lideranças indígenas com o a

preservação ambiental, a luta pela demarcação da terra, a crítica ao capitalismo desde de sempre convergiam para o que hoje é nomeado como Antropoceno.

Partindo para a perspectiva acadêmica de pessoas que também se atentaram para as crescentes mudanças climáticas, é possível localizar dois dentre muito nomes relevantes para uma parte da comunidade científica: Eugene F. Stoermer e Paul Crutzen, respectivamente, um biólogo e um químico sendo o segundo responsável pelo que considero uma espécie de marco na presente discussão ao popularizar o termo Antropoceno.

Em uma conferência no México, juntamente com outros cientistas da área, Crutzen declarou que o Holoceno havia acabado e o que agora estava em vigência enquanto uma era o Antropoceno que por sua vez, se caracterizava enquanto a era geológica em que nós seres humanos, acidificamos o solo, mudamos os ciclos das marés, aceleramos o derretimento das calotas polares, ou seja, imprimimos tão forte nossa “pegada” no planeta que inauguramos uma nova era geológica (um tanto quanto irônico, não? Inaugurar o fim da nossa existência)

Considering these and many other major and still growing impacts of human activities on earth and atmosphere, and at all, including global, scales, it seems to us more than appropriate to emphasize the central role of mankind in geology and ecology by proposing to use the term “anthropocene” for the current geological epoch. The impacts of current human activities will continue over long periods. According to a study by Berger and Loutre, because of the anthropogenic emissions of CO₂, climate may depart significantly from natural behaviour over the next 50,000 years. (Crutzen e Stoermer 2000: 17)

A ideia da existência de uma era geológica originada a partir de ações antropogênicas, que tem capacidade de provocar megaextinções que aliás, já estão curso talvez desde o século XVIII, juntamente com a mudança climática cada vez mais perceptível ano após ano toma ares de uma espécie de apocalipse, mas não é esse o rumo que pretendo dar, afinal de contas, assim como povos indígenas possuem suas estratégias de segurar o céu e de adiar o fim do mundo, outros seres humanos e não tão humanos também têm.

Outra perspectiva do fim é apresentada pelo historiador Helmuth Trischler (2017) que faz um trabalho semelhante a esse, mapeando de certa forma as narrativas que estão sendo construídas e apontando como o Antropoceno saí do âmbito apenas das ciências

naturais e adentra o terreno das ciências humanas chegando, claro, na antropologia assim como na história e nas artes

Por primera vez en la historia de la geología, las decisiones sobre la periodización geológica se están discutiendo no sólo entre un grupo selecto -terdisciplinario, en el que las ciencias naturales, las ciencias sociales y las humanidades contribuyen con sus conceptos de tiempo, espacio, producción de evidencia e interpretación. (Trischler, 2017: 50)

Respaldao não só a inserção do termo nas discussões antropológicas como também em outras áreas do conhecimento científico, o autor nos alerta para o quão recente é essa perspectiva enquanto campo de pesquisa, mas também a vastidão de campos onde o assunto passa a fazer tanto sentido quanto nas ciências naturais e o quanto é importante discutir e pensar amplamente, tendo várias perspectivas para olhar e aprender

Como se muestra, el concepto ya ha catalizado un paisaje floreciente de la investigación innovadora en muchos campos académicos. Sin embargo, esto es sólo el comienzo de una trayectoria intelectual que sondeará el potencial heurístico y analítico del concepto. Tomará muchos años, si no es que décadas, para que el concepto de Antropoceno despliegue su poder transformador tanto para las ciencias naturales como para las humanidades. Ya en la actualidad, el concepto se ha convertido en una “zona comercial” para la colaboración en todo el espectro académico (Moore, 2015: 2), que a menudo estimula una “gran interdisciplinariedad” entre los científicos de la naturaleza y los humanistas. Hay mucho más que ganar al aventurarse fuera de límites disciplinarios establecidos y la exploración de nuevas formas de colaboración tanto interdisciplinaria como transdisciplinaria. (Trischler, 2017: 55)

A repercussão do que foi nomeado como Antropoceno – e aqui ressalto como é necessário nomear o que nos atinge para que saibamos de onde vem e como nos afeta; e das possibilidades de campo de pesquisa visto que o tema extrapola as ciências naturais e adentra ao emaranhado de perspectivas antropológicas, sociológicas, artísticas para além da geologia, química ou biologia, é que nos provoca a pensar uma antropologia da vida – ou o que tenho concebido enquanto tal.

Por fim, contar histórias do Antropoceno através de paisagens vegetais, animais e seres não-tão-humanos a partir de uma perspectiva de uma ciência que não é a natural é concebida enquanto uma também preocupação das ciências humanas em compreender o que as ciências naturais tanto se dedicam e nos alertam. Esse caminho também é

percorrido pela antropóloga Anna Tsing que traduz muito bem o alerta para a importância de se pensar junto com os cientistas naturais

To develop this mutualism, however, anthropologists might have to give up our admittedly well-earned defensiveness in dealing with natural scientists. We are used to either rejecting natural science for its philosophical mistakes, or, alternatively, watching it like an insect under glass. We have forgotten how to find allies. When it comes to environmental scientists, we shake our fingers at them: “You are just apocalyptic,” we say. In the process of distinguishing ourselves from natural scientists, then, we have become environmental conservatives. It’s time to change. If we care about the livability of the earth, we need to learn not just how to criticize environmental scientists but also to look for allies who might help us transform business-as-usual. Allowing something-extra into our conversations about life on earth is a key step. For anthropologists, this might begin with the recognition that humans are incapable of surviving without other species. We are beings within ecological webs not outside them. Multispecies landscapes are necessary to being. (2015: 5)

Encontrar aliados para viver esse período se mostra cada vez mais necessário, até mesmo como uma estratégia de sobrevivência. Não vivemos sozinhos sem outras espécies como nossas companheiras, assim como não damos conta de lidar com tudo a partir de uma única perspectiva e assim como as ciências humanas dialogam com outras ciências – falar sobre o Antropoceno a partir de um ponto de vista antropológico é um forte exemplo disso, assim como as novas discussões que surgem a partir dele, levando em consideração a existência de outros seres agindo e sendo afetados por nossas ações.

Cuidar, vegetar e (re)produzir

Romper com a divisão natureza e cultura é o primeiro passo para liberar uma multiplicidade de outros humanos e não humanos que estiveram excluídos do domínio da política e abrir para que outras formas de existência, outras relações ecológicas possam se afirmar num espaço cosmopolítico.

Introdução ao dossiê Ecologia e Feminismo: criações políticas de mulheres indígenas, quilombolas e camponesas. Fabiana Maizza e Suzane de Alencar Vieira (2018: 11)

Interrogar as plantas é compreender o que significa estar-no-mundo. A planta encarna o laço mais íntimo e mais elementar que a vida pode estabelecer com o mundo, O inverso também é verdadeiro: ela é o observatório mais puro para contemplar o mundo em sua totalidade.

A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Emanuelle Coccia (2018: 13)

Lidamos com o fato de que o mundo é dicotômico e que, portanto, as coisas estão do lado da natureza ou do lado da cultura e partir disso é possível compreender a existência de uma hierarquia em que coloca os seres humanos, em especial o masculino, cisgênero e ocidental no topo enquanto que mulheres, plantas, montanhas, povos indígenas, bruxas entre outras formas de estar no mundo, são alocadas em categorias inferiores. As bruxas por sua vez, seguem sendo exterminadas propositalmente da existência, das histórias e do debate científico, assim como são ignoradas no que tange a transição do feudalismo para o capitalismo que como é sabido, é a força motriz para o advento do Antropoceno.

Falar sobre as bruxas que foram perseguidas e queimadas pela Inquisição significa dar dimensão as perseguições sofridas em grande parte por mulheres camponesas, mas que também por mulheres que viviam com uma certa liberdade inclusive no que tange os direitos reprodutivos; retirou direitos, autonomia, torturou e executou um sem fim de mulheres para que enfim, seus corpos e sua existência pudessem cumprir o designo da subalternidade em relação ao homem

Silvia Federici, em seu livro *o Calibã e a Bruxa*, irá argumentar que a perseguição às bruxas, tanto na Europa quanto no Novo Mundo, foi tão importante para o desenvolvimento do capitalismo quanto a colonização, a escravidão dos povos africanos, e a expropriação do campesinato europeu de suas terras (Federici 2017: 26). Para a autora, o capitalismo acontece graças a violência contra essas pessoas, e não apesar dela. Ela relata que o auge do caça às bruxas ocorreu entre 1580 e 1630: ou seja, numa época em que as relações feudais já estavam dando lugar às instituições econômicas e políticas típicas do capitalismo mercantil (ibid.: 297). Mas é também nessa época que começamos a ter um rascunho das ciências modernas, seja pela presença de pesquisadores como Francis Bacon, seja pelas descobertas feitas por Galileu com o telescópio em 1611 (Stengers 2002). (Maizza e Alencar 2018: 10 e 11)

Falar sobre as bruxas não é um acaso, pois o período que compreende à perseguição dessas mulheres está intrinsecamente ligado a transição do feudalismo para o capitalismo que por sua vez, pode ser pensado conforme as reflexões anteriores, como o início do Antropoceno que apesar de não ser descrito com todas as letras, é percebido nas entrelinhas das narrativas

O que aconteceu foi que nos séculos XVI e XVII houve uma tremenda reação contra tudo o que restava do Paganismo antigo, o que acabou motivando as perseguições às Bruxas. As pessoas geralmente pensam nas perseguições às Bruxas como próprias da era medieval, mas, na

verdade, elas ocorreram bem mais tarde, tendo começado no final dos anos 1400, com a publicação do *Malleus Maleficarum* por dois monges jesuítas, Kraemer e Sprenger, e de uma bula pontifícia do papa Inocêncio VIII que criminalizou a bruxaria, julgando-a um ato de heresia. A perseguição às Bruxas também se desenvolveu e se intensificou em muitos lugares por conta das ações das igrejas protestantes. Não foi à toa que a perseguição às Bruxas ocorreu ao mesmo tempo que a transição das antigas economias feudais para o capitalismo moderno se iniciava. Na verdade, foi a perseguição às Bruxas que preparou o terreno para o capitalismo. (Starhawk 2018: 56)

O capitalismo e o patriarcado não aceitaram o fato de que o corpo feminino tivesse o direito da vida e da morte e através do extermínio, tentou a todo custo e obteve certo êxito ao domesticar e disciplinar o que é considerado o mantenedor da força de trabalho capitalista. Mais uma vez e em mais um lugar, o capitalismo se arraiga e determina quem, como e com o que tais corpos se relacionam, só que as bruxas de certo modo, estão de volta e empenhadas em romper a dicotomia natureza e cultura a fim de pluralizar os infinitos modos de vida que as vezes não são humanos, elas são o que compõe essa busca por uma antropologia da vida, a desobediência dessa dicotomia. É por isso que com elas compreendemos que não estamos sozinhas no mundo, há outras e outros seres que habitam o mesmo mundo que o nosso e que resistem ao que o Antropoceno tenta devorar.

As ramificações antropocêntricas se tornam cada vez mais visíveis, propiciando a pensá-lo enquanto sendo o resultado da regulação de corpos, do modo como paisagens foram afetadas pelo desenvolvimento capitalista, na catástrofe ambiental e climática que atinge a todos... Mas quando pensamos a partir de um coletivo ao compreendermos que viver no Antropoceno requer cuidar e ser cuidado não só enquanto afeto, mas enquanto estratégia de sobrevivência e na perspectiva do gênero, com ênfase no direito reprodutivo, em uma necessidade de “fazer parentes” (Haraway 2016) em meio do que pode ser considerado um fim de mundo cada vez mais eminente. O cuidado a partir da perspectiva de María Puig de la Bella Casa (2017) se apresenta em diálogo com Donna Haraway no sentido de

Standing by the vital necessity of care means standing for sustainable and flourishing relations, not merely survivalist or instrumental ones. Continuing to hold together a triptych vision of care doings-practice/affectivity/ethics-politics helps to resist to ground care as an ethico affective everyday doing that is vital to engage with the inescapable troubles of interdependent existences. (2016: 70)

Mulheres que vivem em comunidade também lutam pelos recursos naturais pois eles são importantes para manter uma vida em comunidade. Quando o feudalismo acabou e o capitalismo entrou em vigência, as mulheres foram as mais afetadas uma vez que elas precisavam sobreviver e assegurar a existência de seus filhos. Com os salários inferiores ao dos homens só lhes restavam lidar com a terra a fim de assegurar as existências que estavam as jogo, é por isso que quando os recursos naturais são ameaçados, as mulheres se organizam para a luta. Só que esse modo de vida vai na contramão do projeto capitalista de desenvolvimento e com isso, essas mulheres estão cada vez mais expostas pois, seu modo de vida e existência está constantemente ameaçado e isso é o que mostra Mina Trujillo

Y es que las mujeres han sido guardianas de lo común, sus capacidades de cuidado y sustento se relacionan con la conservación y actualización de conocimientos tradicionales, saberes y remedios médicos. La mujer comunera es campesina, partera, hierbera, tejedora de memoria. Y aunque predominantemente no cuentan con la atribución legal, ni consuetudinaria para poseer o usufructuar la tierra, cuentan con veladas, pero fundamentales capacidades de intervención en lo productivo, además de la trascendente actividad de cuidado y recreación de lo común intangible, como es el caso de la memoria y el conocimiento tradicional. (2015: 87)

Essas mulheres que vivem em comunidade e que por sua vez, sobrevivem desse modo de vida onde tudo vem da terra precisam lidar constantemente com o as investidas do Estado em busca de expropriar essas terras e converter essa mão de obra que “não produz” para fomentar o capitalismo em trabalhadoras precarizadas. As bruxas por sua vez, lutam pelo direito a terra e a conservação da terra e ambos movimentos são políticos e anticapitalistas que por sua vez, são também uma forma não só de enfrentar o Antropoceno como também se insere como parte do que tenho tentado pensar sobre a antropologia da vida.

Há um laço muito visível, íntimo e antigo entre humanos e plantas, assim como há uma relação de cuidado mútuo. Populações indígenas, campesinas, quilombolas assim como as bruxas se relacionam com as plantas e estabelecem vínculos a fim de poderem não só se beneficiarem com constroem redes de socialidades e é isso que Joana Cabral (2021) apresenta ao relacionar as mandiocas e os Wajãpi

Autonomia que também remete ao autocontrole dos corpos femininos, que foi e é bandeira de algumas vertentes feministas, como a de Donna Haraway (2003 e 2016b), que fez a crítica feminista desembocar em um

manifesto de exaltação das relações entre distintas espécies. Conforme Haraway clama: “Façamos parentes ao invés de filhos”, afirmação que aponta tanto para a tomada de decisão e ação das mulheres sobre o próprio corpo como para a necessidade de criar um parentesco para além da humanidade, lidando eticamente com outros seres que nos conformam. (2001: 87)

Orgulhosas de seus roçados, uma extensão de si, que permite falar das habilidades de um casal, as mulheres wajãpi possuem uma relação de cuidado com as mandiocas e demais culturas. Sabem a procedência de cada variedade, e cada uma delas suscita lembranças e permite a narração de histórias. Nesse contexto, a variedade é formada não só por qualidades fenotípicas, reconhecidas e apreciadas em detalhes, como também pela história que carrega. O que nós dividimos como material biológico e como cultural se amalgama. (2001: 89)

Convivendo com monstros e fantasmas

O Antropoceno se mostra um especialista em criar ausências e não digo isso em um tom sensacionalista, muito pelo contrário. O que aqui chamo de fantasmas nada mais é do que a ausência de plantas, animais, paisagens anteriores entre outras ausências que acabam sendo fantasmas, nada mais que os resultados do modo como o capitalista que opera ocupado em desenvolver cegamente e obter lucros e ganhos imediatos.

Our era of human destruction has trained our eyes only on the immediate promises of power and profits. This refusal of the past, and even the present, will condemn us to continue fouling our own nests. How can we get back to the pasts we need to see the present more clearly? We call this return to multiple pasts, human and not human, “ghosts.” Every landscape is haunted by past ways of life. We see this clearly in the presence of plants whose animal seed-dispersers are no longer with us. Some plants have seeds so big that only big animals can carry them to new places to germinate. When these animals became extinct, their plants could continue without them, but they have been unable to disperse their seeds very well. Their distribution is curtailed; their population dwindles. This is an example of what we are calling haunting. (Gan, Tsing, Swanson e Bubandt 2017: G2)

O capitalismo fomenta disputas entre homens por conta de terras, ouro, construção de cidades, em prol da obediência e da exploração e a construção de Brasília sintetiza muito de tudo isso. Construída para ser a capital do país, a cidade foi erguida com sangue e suor de cerca de 40 mil trabalhadores, em sua grande parte imigrantes nordestinos que viviam em condições precárias de trabalho. Em meio a precariedade da vida daqueles homens chamados de candangos uma pequena família de ratos é descoberta e leva o nome de *Juscelinomys candango* em homenagem ao presidente Juscelino Kubitschek, já em

1959, um ano antes da descoberta dos ratos, houve um massacre de trabalhadores que envolveu a Guarda Especial de Brasília que apesar de terem omitido o número de mortos, as 93 malas que apareceram no dia seguinte, contaram um pouco do que houve.

Diz-se que Brasília foi erguida em cima do sangue dos candangos. Os ratos que lhes são epônimos nunca mais foram vistos, desde aquela primeira vez, nos canteiros de obra. Foram declarados extintos, a causa sendo a perda de seu habitat: Brasília e o desenvolvimentismo não comportam nenhuma espécie de candango. E, se desenvolvimento é o nome do jogo que resultou no Antropoceno, então o massacre de populações sub-humanas e não humanas é sua moeda corrente. Dos operários assassinados, não se encontraram os corpos; dos ratos, os oito espécimes descritos em 1965 por Moojen encontram-se empalhados no Museu Nacional/UFRJ. Os outros, que compunham todo um povo, jazem anônimos com seus operários sob o solo de nossa capital. São seus fantasmas. (Fausto 2015: 1)

Nessa espiral de ausência na qual estamos inseridos, fantasmas dos fantasmas surgem, basta lembrar que o incêndio devastador que consumiu boa parte do Museu Nacional do Rio de Janeiro em 2018 pode ter dado consumido os corpos dos ratos que lá habitavam. Não tem espaço no Antropoceno para ratos e homens, muito menos para o passado e é por isso que quando tudo começa a ruir os monstros se tornam a única possibilidade de existência diante de um mundo devastado pelas catástrofes climática e econômica. Muitas dessas questões ficam em evidência na introdução escrita por Suzane Alencar e Jorge Vilella para o livro *Insurgências, ecologias dissidentes e antropologia modal*:

Mataram-se os mortos, os vivos suspiram entre as ruínas, desviando-se das hienas, após terem sido espancados pela guarda municipal do bispo que governa a cidade do Rio de Janeiro, no esforço de encontrarem um retalho de documento, um fragmento de bico de pássaro, um fonema de uma língua perdida para sempre. São todos Bendengó, esse é o lema a comunidade do Museu, segundo me disseram, em referência ao meteorito encontrado naquela região e peça da exposição permanente, posicionada à entrada do prédio, a receber todos os visitantes do Museu ao longo de décadas. (2020: 19)

Ao contrário dos fantasmas que passam a representar o que não mais existe, os monstros são reais e ocupam mais uma dualidade em nossa perspectiva: ao mesmo tempo em que são monstruosidades como o as monoculturas de soja que devastam o cerrado, mas também se encarregam de nos mostrar os desdobramentos das escolhas que fazemos. São bons para visualizar como o Antropoceno. Conviver com os monstros é compreender que nós seres humanos temos nossa vida emaranhada com outros seres como por exemplo

as bactérias e que o desarranjo de um ocasiona uma série de outros desarranjos como veremos a seguir

Monsters are useful figures with which to think the Anthropocene, this time of massive human transformations of multispecies life and their uneven effects. Monsters are the wonders of symbiosis *and* the threats of ecological disruption. Modern human activities have unleashed new and terrifying threats: from invasive predators such as jellyfish to virulent new pathogens to out-of-control Chemical processes. Modern human activities have also exposed the crucial and ancient forms of monstrosity that modernity tried to extinguish: the multispecies entanglements that make life across the earth, as in the coral reef, flourish. The monsters in this book, then, have a double meaning: on one hand, they help us pay attention to ancient chimeric entanglements; on the other, they point us toward the monstrosities of modern Man. Monsters ask us to consider the wonders and terrors of symbiotic entanglement in the Anthropocene. (Swanson, Tsing, Bubandt e Gan 2017: M2)

O desafio de viver com monstros e fantasmas em um mundo danificado onde pouco ou nada levamos em consideração se mostra cada vez mais palpável em nosso contexto de mundo, de América Latina e de Brasil. Falar sobre monstros e fantasmas é uma forma de tentar visualizar a consequência dos caminhos escolhidos e do que se torna prioridade diante do capitalismo que por sua vez, intensifica os acontecimentos do Antropoceno.

Algumas considerações finais

As histórias contadas ao longo desse trabalho nos sinalizam os caminhos a serem seguidos em busca de uma antropologia da vida tendo como contexto o Antropoceno. Cada história dessas suscita outras muitas histórias de lugares distantes com seres quase invisíveis ou com assombrações, o importante é ouvir o modo como essas histórias são narradas e compreender o emaranhando multiespécies no qual nós estamos envolvidos.

É para se pensar na relação do Antropoceno que por vezes é anunciado enquanto um fim cada vez mais próximo, com as perspectivas de vida que vão além da vida humana e compreender que apesar de ser assustador viver em um mundo tão danificado, outras espécies que também estão envolvidas nesse emaranhado conseguem se adaptar e de alguma maneira, proporcionar uma habitabilidade no meio do caos.

Começar a desenhar esse caminho percorrido pelo avanço do capitalismo até o resultado do Antropoceno foi a forma que encontrei de começar a pensar em uma antropologia da vida. Foi através dessa urgência antropológica de passar a observar

relações não humanas ou não-tão-humanas, que enxergo um caminho para se pensar o que há de vir pela frente. A catástrofe é assustadora, mas ao invés de entrarmos em pânico precisamos ter criatividade e imaginação para de alguma forma, nos livrarmos dela.

Referências

BELLACASA, María Puig de la. Thinking of Care. 2017. In: *Matters of care: speculative ethics in more than human worlds*. Description: Minneapolis: University of Minnesota Press. p.69-96

COCCIA, Emanuele. 2018. *A vida das plantas*. Uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie.

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. 2000. “The ‘Anthropocene’”. *Global Change Newsletter*, 41: 17-18.

FAUSTO, Juliana. 2015. Rato candango, homem zumbi. *Piseagrama*, Belo Horizonte, 8: 12-17

GAN, Elaine, Anna TSING, Heather SWANSON, and Nils BUBANDT. 2017. Ghosts On A Damaged Planet. *Introduction: Haunted Landscapes of the Anthropocene*. *Arts of living on a damaged planet*. Minneapolis: University of Minnesota Press,. p. G1-G14.

KRENAK, Ailton. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. Paixão pela mercadoria. In: *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo, Companhia das Letras. p. 406-420.

MAIZZA, Fabiana; VIEIRA, Suzane Alencar. 2018. Introdução ao dossiê. Ecologia e Feminismo: criações políticas de mulheres indígenas, quilombolas e camponesas. *Campos*, Curitiba, 19(1): 9-15

MENDES, João. 2020. Geologia da Humanidade por Paul Crutzen. *Anthropocenica*. Revista De Estudos Do Antropoceno E Ecocrítica, n.1. p. 117-119.

OLIVEIRA, Joana et. al. 2021. Agricultura contra o Estado. In: *Vozes vegetais: Diversidade, resistência e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu. p.77-96

STARHAWK. 2018. Magia, visão e ação. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 69: 52-65

TRISCHLER. Helmuth. 2017. El Antropoceno, ¿un concepto geológico o cultural, o ambos? *Desacatos. Cambio Climático y Antropoceno, México*, 54: 40-57

TRUJILLO, Mina Lorena Navarro. 2015. Mujeres comuneras en la lucha por la reproducción de la vida ante el despojo capitalista: irradiaciones del pensamiento de Silvia Federici. *Bajo el Volcán*. p.79-90.

TSING, Anna. 2015. In the midst of disturbance: symbiosis, coordination, history, landscape, *ASA Firth Lecture*. p. 2-33.

VIEIRA, Suzane de Alencar, VILLELA, Jorge (org). 2020. Introdução. *Insurgências, ecologias dissidentes e antropologia modal*. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária. p. 11-33.